

## APRESENTAÇÃO

Organizadores:  
Ana Cecília Cossi Bizon  
(Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp)

Leandro Rodrigues Alves Diniz  
(Faculdade de Letras – UFMG)

A partir da década de 1990, com o Brasil se filiando a projetos geopolíticos que previam a vinculação a blocos econômicos como o Mercosul, presenciamos, a uma só vez, a abertura do país a novos mercados e investimentos em iniciativas de políticas externas e de línguas que geraram um crescimento do interesse pelo português. Em que pese a instabilidade política e econômica que marca países semiperiféricos como o Brasil, seguimos acompanhando, nas últimas décadas, o empreendimento de políticas – frequentemente descontínuas – de expansão da língua portuguesa, por parte de iniciativas tanto do governo brasileiro, quanto de instituições de ensino superior (IES) investidas do compromisso com a internacionalização.

Essas políticas compreendem, entre outras iniciativas, a criação e consolidação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras); a ampliação da oferta de cursos de Português como Língua Adicional (PLA) nas IES como parte de seus projetos de internacionalização; a implantação de licenciaturas específicas, de disciplinas de graduação e pós-graduação, e de cursos de extensão para a formação de professores de PLA; o fortalecimento da produção acadêmica na área; o investimento na produção editorial de livros didáticos; o crescimento da oferta do português, em diferentes níveis de ensino, em países que não têm esse idioma entre suas línguas oficiais; a criação do *Programa Idiomas sem Fronteiras – Português* no Ministério da Educação; a estruturação do ensino de PLA no âmbito do *Projeto Mais Médicos para o Brasil* e em diferentes espaços de acolhimento a migrantes e refugiados no país. Tais ações de instrumentalização e institucionalização sem precedentes do PLA têm sido, frequentemente, acompanhadas de narrativas com “fortes tintas

mercadológicas e nacionalistas” (DINIZ, 2015, p. 5), significando o português do Brasil como uma língua com valor de mercado – a despeito da crise por que passa o país atualmente –, a ser “dominada” por diferentes sujeitos do mundo “globalizado”.

Como efeito, os cursos de PLA são voltados, predominantemente, a estudantes intercambistas com financiamento estrangeiro e a executivos, sendo os contextos de minorias relegados a segundo plano, ou simplesmente não contemplados pelas políticas oficiais. Fortemente influenciadas por um capitalismo acadêmico (SLAUGHTER; LESLIE, 2001; BIZON, 2013), as IES vêm, frequentemente, operando por meio de modelos corporativos de gerenciamento, os quais priorizam produções lucrativas em detrimento da formação do indivíduo. Assim, ainda são poucos os programas de inserção – incluindo-se os cursos de PLA – destinados a estudantes advindos de países não-centrais, migrantes de crise, surdos e indígenas.

Em relação à produção científica, Furtoso (2015, p. 169-170) organiza as dissertações de mestrado e teses de doutorado na área de PLA a partir dos seguintes eixos temáticos: material didático; descrição/análise linguística; aspectos da (sala de) aula; formação/atuação de professores; exame Celpe-Bras; aspectos (inter)culturais no ensino, na aprendizagem e na avaliação; ensino, aprendizagem e avaliação de português para grupos linguísticos específicos; contextos específicos de aprendizagem-avaliação-ensino; práticas avaliativas e políticas linguísticas.

Chamamos a atenção para o fato de que, no escopo desses eixos, pouquíssimos trabalhos abordam a complexidade dos contextos de ensino de PLA que emergem a partir da reconfiguração geopolítica do mundo contemporâneo – embora, nos últimos anos, venha se registrando um crescimento de pesquisas voltadas a minorias, especialmente relacionadas ao que vem sendo denominado *Português como Língua de Acolhimento* (PLAc). Também são poucas as investigações que tratam de programas estratégicos de cooperação internacional e política externa, como o *Programa de Estudantes-Convênio de Graduação* (PEC-G) e *Pós-Graduação* (PEC-PG), o *Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti* e o *Projeto Mais Médicos para o Brasil*. São igualmente escassos os estudos que discutem o PLA para surdos e indígenas –

contextos de pesquisa que, cada dia mais, despontam como urgentes, dada a necessidade de se garantirem direitos dessas comunidades.

Buscando visibilizar o caráter inexoravelmente político do PLA, tantas vezes apagado na própria história da área, os trabalhos deste dossiê filiam-se à perspectiva teórica da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 2006; MAHER, 2007). Assumimos, assim, o compromisso com o desenvolvimento de pesquisas que contribuam para a construção de uma área de PLA responsiva às demandas sociais contemporâneas (MOITA LOPES, *ibidem*), cuja agenda focalize sujeitos – concebidos sócio-historicamente – que não têm o português como língua materna e que transitam, física e/ou simbolicamente, por espaços onde a aprendizagem dessa língua pode ser um elemento importante para a produção e democratização de mobilidades e multiterritorialidades (BIZON, 2013). Para tanto, implicados com a produção de uma globalização alternativa (B. SANTOS, 1995; M. SANTOS, 2000), chamamos ao diálogo outras vozes para além do eixo norte-ocidental, como forma de resistência ao movimento neoliberal de globalização. É, desse modo, em busca de uma virada epistemológica na área de PLA que propomos este dossiê.

Intitulada ***PLA em contextos de minorias: (co)construindo sentidos a partir das margens***, a presente edição da Revista X traz artigos e relatos de diferentes atores sociais implicados nos cenários investigados. Os artigos são representativos do potencial de pesquisa dos contextos em foco, e os relatos, além de iluminarem as questões discutidas, firmam-se como um gesto político de legitimação de outros saberes além daqueles reconhecidos como “científicos” (B. SANTOS, 2002). Os textos, que se detêm sobre políticas linguísticas – menos ou mais institucionalizadas – do PLA, estão divididos em quatro seções: I – PLA em contextos de deslocamentos forçados; II – PLA no âmbito de políticas públicas brasileiras; III – PLA em contextos de L2; e IV – PLA em outras regiões do Sul.

A Seção I, ***PLA em contextos de deslocamentos forçados***, é aberta com o relato de uma síria sobre sua experiência de refúgio e de aprendizagem da língua portuguesa, e traz artigos que enfocam políticas de imigração e de línguas em contextos de migrações de crise, discutindo os sentidos de acolhimento, (in)visibilização e (não)inclusão. A

Seção II, por sua vez, intitulada *PLA no âmbito de políticas públicas brasileiras*, tematiza o PEC-G e o Programa Emergencial Pró-Haiti, trazendo pesquisas que refletem sobre as políticas de línguas e de inserção que compõem o complexo gerenciamento desses programas de cooperação internacional. As reflexões promovidas nessa seção ganham força com três relatos de experiência de aprendizagem da língua portuguesa, escritos por uma estudante do PEC-G, um aluno do Pró-Haiti e um médico cubano do Projeto Mais Médicos para o Brasil.

Já a Seção III, *PLA em contextos de L2*, problematiza as especificidades do ensino da língua portuguesa na educação de surdos e indígenas, considerando sua importância na formação de professores e na operacionalização de um ensino efetivo de segunda língua. Os artigos dessa seção estão em diálogo com dois relatos de professoras surdas e com o relato de uma professora indígena. Por fim, a Seção IV, *PLA em outras regiões do Sul*, traz artigos sobre o ensino do português em espaços que demandam o fortalecimento de políticas linguísticas brasileiras. O relato de um francês constituído por territórios fronteiriços, no trânsito entre o português e o francês, fecha o dossiê.

Esperamos que esta edição da Revista X, ao reunir pesquisas que elegem políticas para contextos de minorias, contribua para a construção de uma área de PLA que, engajada politicamente, traga, cada vez mais, vozes historicamente marginalizadas, como recurso indispensável para seu próprio fortalecimento teórico e epistemológico.

## REFERÊNCIAS

- BIZON, A. C. C. **Narrando o exame Celpe-Bras e o convênio PEC-G:** a construção de territorialidades em tempos de internacionalização. Tese. Doutorado em Linguística Aplicada. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, p. 233-252.
- DINIZ, L. R. A. Entre discursos mercadológicos e nacionalistas: apontamentos para o ensino-aprendizagem de português para falantes de outras línguas. **Entremeios**, v. 10, p. 5-8, 2015.
- FURTOSO, V. A. B. Onde estamos? Para onde vamos?: a pesquisa em português para falantes de outras línguas nas universidades brasileiras. In: LUCAS, P. O.; RODRIGUES, R. F. L. (Orgs.). **Temas e rumos nas pesquisas em Linguística**

**Aplicada:** questões empíricas, éticas e práticas. Campinas, SP: Pontes, 2015, v. 1, p. 153-196.

MAHER, T. J. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs). **Linguística Aplicada** – suas faces e interfaces. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 255-270, 2007.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Ed., 2006.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, 237-280, 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SLAUGHTER, S; LESLIE, L. Expanding and elaborating the concept of Academic Capitalism. **Organization**, v. 8, n. 2, p.154-161, 2001.